

OS SENTIDOS DA TRANSCENDÊNCIA E O SIGNIFICADO TRANSCENDENTAL DA VERDADE NA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

João Marcelo Silva da Rocha¹; Prof. Dr. Sandro Márcio Moura de Sena²

¹Estudante do Curso de Filosofia (Bacharelado) - CFCH – UFPE; E-mail: joaomarcelos@gmail.com,

²Docente/pesquisador do Depto de Filosofia – CFCH – UFPE. E-mail: sandrosena@gmail.com.

Sumário: O presente trabalho investiga o uso do conceito de *transcendência* e de seus correlatos conceituais na Fenomenologia de Edmund Husserl, a fim de delimitar o sentido estritamente fenomenológico deles e demonstrar como, a partir disso, a *verdade* adquire um significado próprio na Fenomenologia *Transcendental*. Para tanto, a pesquisa inicia-se com caracterização geral do projeto fenomenológico; em seguida, desenvolve-se do seguinte modo: (1) apresentação da ideia kantiana de uma Filosofia Transcendental, enquanto proposta de fundamentação do conhecimento humano; (2) caracterização da Fenomenologia a partir da apropriação dos pensamentos kantiano e cartesiano; (3) definição dos sentidos natural e fenomenológico-transcendental de “transcendência-imanência” à luz da *epoché fenomenológica*; (4) e explicitação do conceito de verdade como correlato da evidência *apodítica* a partir da intencionalidade do *ego* transcendental. Conclusivamente, apontamos que a compreensão do conceito de verdade acaba por nos conduzir ao problema da constituição transcendental no pensamento de Husserl.

Palavras-chave: evidência; fenomenologia, imanência, transcendência, transcendental,

INTRODUÇÃO

Apesar das inegáveis modificações que sofreu ao longo de seu desenvolvimento, o projeto husserliano manteve-se fundamentalmente o mesmo: a Fenomenologia não se propõe a ser mais um dentre os diversos ramos do pensamento filosófico, ela não é concebida para ser mais uma ciência entre as ciências, senão que é pensada a fim de reivindicar o trono de “Filosofia Primeira”, por estabelecer a fundamentação última do saber em geral como sua tarefa precípua. A necessidade de execução de tal projeto fenomenológico se justifica na compreensão que Husserl possui acerca das ciências. Segundo ele, *todas* as ciências particulares sofrem de uma *incompletude essencial*, na medida em que aqueles que desenvolvem suas atividades científicas não podem nem tentar provar as premissas últimas que fundamentam suas conclusões, nem tampouco investigar os princípios sobre os quais repousa a eficácia de seus métodos. Não se trata, portanto, de um aspecto historicamente inacabado de algumas ciências, mas sim diz respeito à configuração mesma das ciências, por se desenvolverem na chamada *atitude natural*, caracterizada pela concepção ingênua de que “‘o’ mundo está aí como efetividade”¹. Esse diagnóstico o leva a sustentar a tese de que as ciências estão em *crise*: falta-lhes compreensão de suas bases e do seu significado originário; a crise é, portanto, uma crise de fundamentação do saber.² Em face disso, a constituição da Fenomenologia exige a execução peremptória daquilo que ele chama de “modificação radical da tese natural”. É nesse contexto de configuração de uma atitude especificamente *fenomenológica* em contraponto à atitude natural que os conceitos de “verdade fenomenológico-

¹ HUSSERL, 2006, p. 77.

² Cf. HUSSERL, 2012a, pp. 1-12.

transcendental” e “transcendência-imanência” ganham importância capital: a elaboração da Fenomenologia se traduz na pretensão de constituição de uma ciência das verdades *absolutas*, indubitáveis, isto é, que se revelem ao investigador de modo *apoditicamente evidente*. Compreender, porém, o que exatamente significam evidências apodíticas e por que elas implicam verdades absolutas é um dos objetivos principais do presente trabalho. O outro, parte da compreensão de que, para abordar a evidência, é preciso o estudo da díade “transcendência-imanência”, uma vez que a evidência é aquilo que constitui o caráter de ser imanente³. O conceito de *transcendência*, assim, surge ocupando um papel crucial no pensamento de Husserl, legitimando-o, inclusive, a identificar o *problema (ou enigma) da transcendência* como o problema fundamental de toda e qualquer investigação de cariz epistemológico⁴. Entretanto, “o relacionamento da fenomenologia com o conceito de transcendência não é de todo simples”⁵, especialmente quando se considera que “há uma série de conceitos de transcendência em jogo no pensamento de Husserl, e não é claro que esses diferentes sentidos de transcendência alguma vez se resolvam totalmente em sua obra”⁶. Desse modo, o tema proposto encontra sua relevância imediata e justificativa necessária na compreensão de que a clarificação do uso fenomenológico do conceito de transcendência e demais noções a ele relacionadas, bem como da relação desse aparato conceitual com o significado fenomenológico de verdade, é aspecto indispensável para a adequada abordagem do pensamento husserliano.

MATERIAIS E MÉTODOS

O método utilizado consistiu, inicialmente, no levantamento bibliográfico, leitura e interpretação dos textos pertinentes ao tema, em concomitância com a realização de fichamentos dos textos mais relevantes através do destaque dos conceitos *imanência, transcendência, transcendente, transcendental, verdade e evidência* ao longo das leituras, seguido da transcrição das passagens em que tais conceitos foram tematizados e, quando possível, da circunscrição do *sentido* de cada um através de notas com comentários. Depois, foi realizada a divisão temática das passagens fichadas de acordo com os interesses próprios à pesquisa e, por fim, em posse deste material, foi construído o texto que estrutura e apresenta os resultados, a discussão e a conclusão de nossas pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, com o estudo da proposta kantiana de uma filosofia transcendental, da crítica husserliana a tal concepção, e da apropriação feita por Husserl do pensamento cartesiano, observamos que o projeto fenomenológico, na busca de fundamentação última do conhecimento, encontra no enigma da transcendência o seu problema principal: discordando da aceção kantiana do conceito de transcendência, Husserl sustenta que cabe à Fenomenologia Transcendental explicitar a correlação essencial entre a consciência e aquilo que não é ela; trata-se, então, precisamente do problema de como conhecer objetos transcendentais, os quais Kant julgava serem incognoscíveis. Husserl reconhece em Descartes o instituidor dessa problemática: através da suspensão radical do juízo acerca de tudo aquilo não é claro e distinto, Descartes chega à esfera do ego cogito, do “eu penso”, como a primeira verdade inabalável, e se depara com o nevrálgico problema da transcendência, qual seja, como as vivências cognitivas, indubitáveis, podem corresponder

³ Cf. HUSSERL, 2014, p. 22.

⁴ *Ibidem*, p. 59.

⁵ MORAN, 2008, p. 265: “Phenomenology’s relationship with the concept of transcendence is not at all straightforward” [tradução nossa]. Disponível em: <https://www.ucd.ie/t4cms/Immanence%20Self%20Experience%20Transcendence%202008.pdf>. Acesso em: 20.09.2014.

⁶ *Ibidem*, p. 271.

a objetos que nelas não estão? Apesar desta importante formulação do problema, para Husserl, Descartes errou por não ter levado às últimas consequências as exigências impostas ao seu próprio método. Tal constatação nos conduziu ao momento seguinte da pesquisa, pois a radicalidade metódica necessária é imputada à epoché fenomenológica. Em qualquer dos sentidos possíveis, a transcendência sempre é fonte de incertezas. Na busca de conhecimentos absolutamente certos, pois, a epoché é concebida como a suspensão do juízo sobre tudo aquilo que se afigure como transcendente. Ela obedece a etapas e duas são as reduções que se apresentam como fundamentais: primeiro, com a redução psicológica ou gnosiológica, cai sob o julgo da epoché tudo o que se encontra fora do ato cognitivo, isto é, tudo aquilo que não está na vivência cognitiva. Aqui, pois, transcendência “quer dizer que o objeto do conhecimento não está como ingrediente contido no ato cognitivo”. Por contraste, “imaneente” corresponde àquilo que compõe a vivência psicológica real; o que significa que imaneente, nesse sentido, são as representações, dentro da consciência, de objetividades que a transcendem. Com a epoché transcendental, porém, este ego psicológico “é reduzido à subjetividade transcendental pura” e, assim, o termo transcendente adquire uma outra acepção, fenomenologicamente mais fundamental e estrita: é aquilo que não é passível de conhecimento evidente, ao passo que é subjetividade transcendental se manifesta como a esfera de imanência – conceito que assim ganha a acepção de “o absolutamente indubitável”. Desse modo, já que tudo o que estaria “fora” foi reduzido ao ego, transcendência passa a significar o que, devido à natureza essencialmente intencional da consciência, permanece subsistindo nele mesmo após a operação da epoché (agora, entretanto, de modo não-empírico, irreal, posto que foi transcendentalmente reduzido), enquanto correlato objetivo necessário de suas das vivências intencionais. Subsiste, portanto, na consciência algo que não se confunde com suas as vivências, mas que agora encontra necessariamente nela a sua constituição. Por isso, o transcendente, em sentido fenomenológico estrito, é, em rigor, uma “transcendência imaneente”, porquanto é aquilo que só adquire o seu sentido próprio e a sua validade de ser em função do ego transcendental, ou seja, “a transcendência é um caráter de ser imaneente, que se constitui no interior do ego”. Levando o supracitado em consideração, o significado transcendental da verdade na Fenomenologia surge à luz do conceito de evidência apodítica. Isso porque, para Husserl, a verdade constitui-se como algo fundado na intuição (caracterizando-se como a adequação entre a intenção e o objeto intencionado), e como correlato objetivo de uma evidência. A evidência, por sua vez, “é a vivência da concordância entre o visar o que está presente em si mesmo, que ele visa”⁷. Assim, de acordo com os níveis de concordância, existe diferentes tipos de evidência e, portanto, distintos graus de verdade. Dentre eles, Husserl sustenta que a evidência apodítica é a absolutamente perfeita (o que implica uma verdade pura e autêntica como seu correlato) porque, nela, algo se mostra *plenamente* naquilo que é e que não pode ser de outro jeito; ela é a mais absoluta certeza, a garantia da posse do conhecimento pleno acerca de algo. Tal evidência revela, portanto, as características do conhecimento indubitavelmente seguro que Husserl reivindica à Fenomenologia. Com isso, chegamos ao conceito transcendental de verdade: se a evidência apodítica é a vivência de uma verdade de preenchimento pleno do que é visado com o que é dado, e se, no domínio da subjetividade transcendental, todo dado é uma transcendência imaneente – enquanto objeto visado, ou polo objetivo da intencionalidade – *constituída* pelo ego transcendental, então a *verdade transcendental* é aquela que se conquista através do esclarecimento da constituição transcendental da objetividade, quer dizer, é aquela que diz respeito ao modo como o objeto se constitui na subjetividade pura e absoluta.

⁷ HUSSERL, 2005, p. 197.

CONCLUSÕES

Considerando o exposto, além das conclusões acima já explicitadas, concluimos ainda que a verdade em sentido fenomenológico-transcendental se caracteriza como resultado do conhecimento apoditicamente evidente acerca dos processos de constituição do sentido objetivo no âmbito da subjetividade transcendental. Destarte, antes de apresentar-se com um desfecho resolutivo, o presente trabalho nos abriu caminhos de aprofundamento, pois nossa conclusão ainda *nos exige*, no mínimo, o esclarecimento sobre o modo como Husserl concebe a constituição (intencional) do *mundo* - transcendência imanente objetiva por excelência – o que nos permitirá tratar de um dos temas mais relevantes e centrais para o fenomenólogo, pois “reconduzir [o pensamento] às origens e às unidades intencionais da constituição de sentido – isto fornece uma compreensibilidade tal (...) que, uma vez alcançada, não mais resta nenhuma questão com sentido.”⁸

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e a Propesq; ao orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Sandro Márcio Moura de Sena e a todos que fazem parte do Grupo de Estudos Husserl (UFPE), nas pessoas dos professores Thiago André Moura de Aquino e Tárík de Athayde Prata.

REFERÊNCIAS

- DESCARTES, René. **Meditações**. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).
- HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica. Trad. de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. **A Ideia da Fenomenologia**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2014.
- _____. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**: Introdução geral à Fenomenologia Pura. 2. ed. Trad. de Márcio Suzuki. Aparecida, Sp: Ideias & Letras, 2006.
- _____. **Investigações Lógicas**: investigações para a fenomenologia e teoria do conhecimento. v. 2, parte I. Trad. de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.
- _____. **Investigações Lógicas**: Primeiro volume: introdução geral à Fenomenologia Pura. Trad. de Diogo Falcão Ferrer. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.
- _____. **Investigações Lógicas**: sexta investigação (elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento). Trad. de Zeljko Loparic e Andrea M. A. de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os pensadores).
- _____. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris**. Trad. de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- _____. “Phenomenology” (1927): Trad. de Richard E. Palmer. **Journal Of The British Society For Phenomenology**, [s.l.], v. 2, n. 2, p.77-90, jan. 1971.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5. ed. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Mourão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

⁸ HUSSERL, 2012, p. 137.